



Fonte da foto: (Depto. de Estado/D. Thompson).

**China e seu histórico controle social: reflexões sobre os manifestos em Hong Kong.**  
**Por Sandi de Oliveira Aurélio.**

Com as recentes convulsões sociais em um dos países mais controlados do mundo é interessante questionar o sistema de interação entre o governo chinês e a sociedade em relação à tendência acelerada de um novo tipo de mobilização social presente em diversos outros países. Para além de comparar as formas de protestos do passado com as do presente, é importante entender a própria interação entre a China e sua população.

A estrutura governamental do país segue uma linha de partido único, apesar da existência de pelo menos mais oito partidos que apoiam o Partido Comunista, os quais não se caracterizam como oposição. Pelo menos 88 milhões de chineses fazem parte do Partido Comunista Chinês (PCC) que se mantém como forte liderança desde 1949. Diante de um país tomado pelos interesses e poderes de potências ocidentais imperialistas como Inglaterra, França, Países Baixos e EUA, durante o século de humilhação chinesa (1839-1949), o país posicionou-se

como aliado da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, adotando o comunismo como sistema para a recuperação da dignidade e soberania do poder nacional.

No ano de 1949, após a famosa ‘Longa Marcha’ que uniu o Partido Comunista Chinês e o ‘Kuomintang’, Partido Nacionalista Chinês, Mao Tse-Tung ascende ao poder e institui um novo plano de país. Como um de seus principais objetivos, a restituição do poder chinês em diversas áreas afetadas pelo neocolonialismo foi especialmente alimentada com ideias comunistas de união de trabalhadores e a vida pelo bem comum.

A estrutura da nova República Popular China, instituída por Mao, seguiu com a aprovação do Programa Comum pela Conferência Consultiva Política do Povo, em 1949, o que funcionou como constituição provisória e elegeu os primeiros líderes do país recém-nascido. A constituição definitiva seria aprovada, ainda durante o período de Mao, em 1954, definindo importantes estruturas políticas do país que visavam manter o cuidado sobre a soberania chinesa sob uma organização e controles rígidos sobre o país e seus territórios.

O arranjo político após a promulgação da constituição ficou, a grosso modo, definido por quatro principais instituições. Assembleia Popular Nacional, uma das fontes de maior poder na nação, é a responsável pela escolha dos membros do Comitê Permanente da Assembleia Popular Nacional que, por sua vez, elegem o Comitê Central do Partido e o presidente do país. Nessa estrutura, todo o debate político deve existir somente dentro do partido, que não influencia só a vida política, mas todas as esferas da vida em sociedade no país.

Tal postura de centralização de poder entra em choque com os sistemas políticos vigentes de terras consideradas chinesas, tais como Hong Kong. Hong Kong era uma colônia britânica no início do século XIX que, no ano de 1997, foi devolvida aos chineses mediante um acordo de manutenção da autonomia para administração interna e estilo de vida na área por 50 anos, ou seja, até 2047. Trata-se de uma região de administração especial que conta com o seu próprio sistema político – com legislativo, executivo e judiciário independentes da China consular, o que caracteriza o sistema ‘um país e dois sistemas’.

A autonomia conferida à Hong Kong é levada à sério por seus habitantes. No primeiro semestre de 2019 uma mulher grávida foi assassinada em Taiwan e o assassino fugiu para sua cidade natal, Hong Kong, gerando uma crise entre as três regiões. Taiwan clama independência da China, portanto, crimes cometidos lá não podem ser julgados pela China e ao mesmo tempo Hong Kong não pode julgar um caso ocorrido em uma área fora da sua região autônoma. Isso levou a proposição de um projeto de lei em Hong Kong que permitia a extradição de criminosos de Hong Kong para a China consular, o que gerou revoltas pois poderia significar um poder a mais de perseguição contra os habitantes da cidade.

A possibilidade de ameaça à autonomia de Hong Kong levou a população às ruas e exigiu criatividade na organização dos protestos. Os manifestantes utilizaram aplicativos como Uber, PokemonGo e até Tinder para se comunicar e fugir da polícia, isso porque a internet se trata de uma ferramenta muito bem controlada no país. Todos os provedores de internet são vigiados, o que já resultou na prisão de um dissidente político, Wang Xiamong, julgado por conteúdos confidenciais liberados pelo Yahoo.

Serviços populares como YouTube, Google, WhatsApp e Facebook também são restringidos no país. É importante ressaltar que nenhuma empresa é impedida de entrar no país, mas deve seguir uma série de regras que restringem sua atuação. Contudo, a falta de tais canais de comunicação leva a população à utilização de serviços VPN e aplicativos como os de jogos, ou de relacionamento, para manifestar suas indignações com relação à política.

Considerando todo o percurso da China enquanto país, seu trabalho contra o século da humilhação e o rigor quando se trata da reconquista de todos os seus territórios perdidos, é de se esperar uma censura na mídia que controle os ânimos da sociedade e garanta a unidade do poder. Porém, tal comportamento se volta contra uma tendência mundial forte de organização política da sociedade por meio da internet – dos protestos da chamada ‘primavera árabe’ às mobilizações contra a corrupção no Brasil –, as redes sociais e o livre acesso à internet possibilitaram a manifestação de insatisfações da sociedade.

Esse novo tipo de interação não segue mais os padrões antigos de movimentação política. O chamado ‘Netativismo’, conceito estudado pelo professor pesquisador da Universidade de São Paulo, Massimo di Felici, explica uma forma de organização da sociedade que nasce da arquitetura digital; se dirige por temáticas específicas buscando evitar orientações ideológicas; se constrói por indivíduos anônimos e por isso não segue rótulos; além de não apresentar a figura do líder, mas grupos de pessoas agitados pela mesma causa.

Tal movimento implica discordância e abertura ao diálogo e modificação das estruturas sociais. Isso se choca fortemente com o sistema de organização chinês e sua estrutura política que, mesmo com oito partidos, não possui nenhuma figura de oposição. O controle do mundo digital por parte do Governo pode ser questionado com relação a sua sustentabilidade em evitar a eclosão do ‘Netativismo’ crescente. Contudo, esse controle social possui raízes históricas, como já visto, e ainda não há precedentes que possam ajudar a analisar os conflitos entre um plano de nação que já possui mais de 70 anos de existência e as tendências sociais emergentes.

O que se tem diante de tais manifestações é a incerteza. Hong Kong será parte integral da China em 27 anos e, à medida em que a população busca manter sua autonomia, o governo demonstra alta capacidade de adaptação para controle social e manutenção de seu poder no

território. Ainda que a tecnologia possa ajudar a população ou que o ‘Netativismo’ se torne inevitável, a estrutura política inteira deverá se modificar para atender as demandas da sociedade. A manutenção do controle do ‘Netativismo’ e a resistência da população refletem a história da China, de reafirmação e reconquista de seu poder.

### **Fontes:**

BBC. 70 anos da Revolução na China: Como o Partido Comunista controla o país. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49890359>. Acesso em: 10/01/2020.

CHARLEAUX, João Paulo. Como é a complicada relação entre Hong Kong e Pequim. Nexo. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/06/10/Como-%C3%A9-a-complicada-rela%C3%A7%C3%A3o-entre-Hong-Kong-e-Pequim>>. Acesso em: 10/01/2020.

Embaixada da República Popular da China em Portugal. China ABC. Disponível em: <http://pt.china-embassy.org/pot/zgabc/t98494.htm>>. Acesso em: 10/01/2020.

Época Negócios Online. 4 pontos para entender a crise entre China e Hong Kong e seu impacto nos negócios. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2019/10/4-pontos-para-entender-crise-entre-china-e-hong-kong-e-seu-impacto-nos-negocios.html>>. Acesso em: 10/01/2015.

CHEUNG, Helier; HUGHES, Roland. Protestos em Hong Kong: o que está acontecendo no território. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48614894>>. Acesso em: 10/01/2020.

Redação, O Estado de S. Paulo. Repressão da China faz manifestantes desistirem de protesto de Hong Kong. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,repressao-da-china-faz-manifestantes-desistirem-de-protesto-de-hong-kong,70002990245>>. Acesso em: 15/01/2020.

VINCENT, Danny. BBC. Como manifestantes de Hong Kong usam Tinder, Uber e Pokémon Go para organizar protestos e fugir da polícia. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49338575>>. Acesso em: 13/01/2015.